

Adolescência

Pelos caminhos da violência

A psicanálise na prática social

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Adolescência : pelos caminhos da violência : a
psicanálise na prática social / David Léo
Levisky organizador ; |prefácio Roosevelt
Moisés Smeke Cassorla|. — São Paulo : Casa do
Psicólogo, 1998.

Vários autores.
Bibliografia
ISBN 85-7396-015-9

1. Adolescentes 2. Adolescentes - Aspectos
psicológicos 3. Adolescentes - Aspectos sociais
4. Delinqüência juvenil 5. Violência I. Levisky,
David Léo. II. Cassorla, Roosevelt M.S.

98-1503

CDD-155.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Adolescentes : Violência : Psicologia 155.5

EDITOR

ANNA ELISA DE VILLEMOR AMARAL GÜNTERT

EDITOR - ASSISTENTE

RUTH KLUSKA ROSA

REVISÃO

SANDRA RODRIGUES GARCIA

Capa

Adriana Blay Levisky

MARIA EUGÊNIA F. LEME

Com utilização das imagens das esculturas *El animal herido* (1951); *El otro animal herido* (1951); *Salvador de Auschwitz* (1951), em homenagem ao arquiteto, escultor e pintor Mathias Goeritz (1915 - 1990), in *Los ecos de Mathias Goeritz* — Catálogo de exposición, Antiguo colegio de San Ildefonso, Ciudad de México, 1997.

DIAGRAMAÇÃO E COMPOSIÇÃO

Arte Graphic

David Léo Levisky
(organizador)

Adolescência

Pelos caminhos da violência

A psicanálise na prática social

Cristiano A. G. Di Giorgi, David L. Levisky,
Fernanda Colonnese, Flávio V. Di Giorgi, Gita W.
Goldenberg, Isabel S. Kahn Marin, José O. Outeiral, Luis C.
Figueiredo, Maria Cristina Kupfer, Maria Ignês Bierrenbach,
Roberto B. Graña, Roosevelt M. S. Cassorla,
Ruth Blay Levisky, Wagner Ranna

Casa do Psicólogo®

© 1998 Casa do Psicólogo® Livraria e Editora Ltda.

1ª Edição 1998

2ª Edição 2002

Reservados os direitos de publicação em língua portuguesa à
Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.
Rua Mourato Coelho, 1059 – CEP 05417-011 – São Paulo/SP
Fone: (11) 3034-3600 – E-mail: casadopsicologo@casadopsicologo.com.br
<http://www.casadopsicologo.com.br>

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para
qualquer finalidade, sem autorização por escrito dos editores.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Agradecimentos

Os textos aqui apresentados foram originalmente preparados para o II Encontro Adolescência e Violência: Conseqüências da Realidade Brasileira, realizado em 1996. Naquela ocasião, além dos autores, contamos com a colaboração de Leopoldo Nosek, Jurandir Freire Costa, Maurício Knobel, Azarias de Andrade Carvalho, Renato Mezan, Benjamim Kopelman, Roberto Azevedo, José Roberto Burnier, Neil Ferreira, Antônio Nóbrega, Benito Maresca, Marlis Lopes Gato, Sílvia Maltese Moysés, Adriana Blay Levisky, Flávia Blay Levisky, Ricardo Blay Levisky e dos jovens que participaram deste evento, dando a ele contribuição fundamental, a quem externamos nossa gratidão, pelo empenho de todos em prol de uma sociedade mais justa e melhor.

David Léo Levisky

Receita de bem viver

Atenção para os ingredientes,
À disposição de todas as gentes
No bolicho da boa vontade,
Logo ali, na esquina de qualquer idade:

Uma gamela de afeto
Duas xícaras de seu talento predileto,
De bom humor, um panelão
E uma tigela de paixão.

Colheres muitas, e cheias, de tolerância
Para com os seus e alheios defeitos,
Um copo de juízo p'ra dar "sustância"
E outro de garra por seus direitos.

Abundante coragem para a porfia
E alguma picardia.
Dois dedos de prosa amiga
Numa caçarola de saudade bem antiga.

Uma pitada de surpresa diante de cada dia que passa.
De orgulho apenas uma colher rasa
(o suficiente para não desandar a massa),
Mas de confiança toda, toda que houver na casa

Alegria à vontade!

Agora tome-se a idade que se tem
(que invejar a dos outros não convém)
E num recipiente untado de amor
Leve tudo ao mais humano calor,
Tendo em conta ser de maior conveniência
Nunca entornar o caldo da paciência.

Importante é dosar bem porvir e outrora
Para que se encontre a exata consistência de agora,
Na qual certamente não há de faltar
Alguém a quem se possa ofertar
Muitos dengues e ternura
Antes de entrar em ebulição a mistura.

E quando o andor da vida nos ponha em fogo brando
É hora de alcançar o tempero da sabedoria
E de cordial amizade ir polvilhando
Uma larga travessa de bonomia.

Sirvam-se, então, vastas porções
Quando o aroma chegue aos corações;
E tendo por música de fundo
Um amor antigo e profundo
Beba um cálice de gratidão
Pelos anos que foram e os que ainda virão.

Luis Carlos Osório

*Publicada no “Caderno de Sábado”,
Jornal Correio do Povo, 06/10/79, Porto Alegre, RS.*

Sumário

<i>PREFÁCIO</i>	13
Roosevelt Moisés Smeke Cassorla	
I	
ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA: A PSICANÁLISE NA PRÁTICA SOCIAL	21
David Léo Levisky (comentários de Renato Mezan)	
II	
VIOLÊNCIA – SOCIEDADE E FAMÍLIA – O LUGAR DO JOVEM	45
Maria Ignês Bierrenbach	
III	
ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASO BRASILEIRO	53
Luís Cláudio M. Figueiredo	
IV	
VIOLÊNCIA NO CORPO – VIOLÊNCIA NA MENTE	65
Wagner Ranna	
V	
VIOLÊNCIA NO CORPO E NA MENTE: CONSEQÜÊNCIAS DA REALIDADE BRASILEIRA	75
José Ottoni Outeiral	
VI	
ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A VIOLÊNCIA A PARTIR DE UM CASO DE TRAVESTISMO INFANTIL ACOMPANHADO LONGITUDINALMENTE	87
Roberto Barberena Graña	
VII	
INSTITUIÇÕES E VIOLÊNCIA – VIOLÊNCIA NAS INSTITUIÇÕES	101
Isabel da Silva Kahn Marin	

VIII

O PAI SIMBÓLICO ESTÁ AUSENTE NA CRIANÇA E NO ADOLESCENTE INFRATORES	113
Gita Wladimirski Goldenberg	

IX

VIOLÊNCIA DA EDUCAÇÃO OU EDUCAÇÃO VIOLENTA?	129
Maria Cristina Kupfer	

X

A VIOLÊNCIA NA EDUCAÇÃO – EDUCAÇÃO VIOLENTA	139
Flávio Vespasiano Di Giorgi Cristiano Amaral Garpoggini Di Giorgi	

XI

A MÍDIA – INTERFERÊNCIAS NO APARELHO PSÍQUICO	145
David Léo Levisky	

XII

AS INTERFERÊNCIAS DA MÍDIA NO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DO ADOLESCENTE	161
Fernanda Colonnese	

XIII

O QUE A SOCIEDADE ATUAL ESPERA DOS JOVENS. O QUE OS JOVENS ESPERAM DA SOCIEDADE. UM GRUPO DE REFLEXÃO	173
Ruth Blay Levisky	

Autores

CRISTIANO AMARAL GARPOGGINI DI GIORGI

Professor Dr. de Pedagogia Didática da Matemática da UNESP, campus de Presidente Prudente.

DAVID LÉO LEVISKY

Psicanalista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, filiado à Associação Psicanalítica Internacional; Psiquiatra da Infância e da Adolescência; Coordenador do I e II Encontro Adolescência e Violência: conseqüências da realidade brasileira; Vice-Presidente do Comitê de Psicanálise, Psicoterapia Psicanalítica e Medicina da Associação Paulista de Medicina; Secretário da Federação Latino-americana de Psiquiatria da Infância e da Adolescência (FLAPIA).

FERNANDA COLONNESE

Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo; Consultora do Departamento de Produção da TV Cultura-São Paulo.

FLÁVIO VESPASIANO DI GIORGI

Professor de Lingüística e Teoria da Comunicação da PUC-SP; Professor de Português, Religião e Cultura do Colégio Santa Cruz.

GITA WLADIMIRSKI GOLDENBERG

Psicanalista pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro; Doutora em Psicologia. Professora e Pesquisadora da Faculdade de Direito da UERJ.

ISABEL DA SILVA KAHN MARIN

Psicóloga. Professora dos cursos: “Psicoprofilaxia da Infância” e “Terapia Familiar”; Supervisora nas áreas Clínica e Institucional da PUC-SP.

JOSÉ OTTONI OUTEIRAL

Médico. Membro Titular da Sociedade Psicanalítica de Pelotas-RS, filiado à Associação Psicanalítica Internacional.

LUIS CLÁUDIO M. FIGUEIREDO

Livre Docente em Psicologia da USP; Professor da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.; Chefe do Departamento de Psicologia da UNIP.

MARIA CRISTINA KUPFER

Psicanalista; Professora Doutora do Instituto de Psicologia da USP.; Diretora da Pré-Escola Terapêutica “Lugar de Vida”.

MARIA IGNÊS BIERRENBACH

Presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa Humana; Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência da USP.

ROBERTO B. GRAÑA

Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Pelotas-RS, filiado à Associação Psicanalítica Internacional. Professor do Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência (CEAPIA); Professor Convidado do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica da PUC-RS.

ROOSEVELT MOISÉS SMEKE CASSORLA

Psicanalista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, filiado à Associação Psicanalítica Internacional; Professor titular do Departamento de Psicologia Médica da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

RUTH BLAY LEVISKY

Psicóloga; Professora do Curso de Especialização: “Família: Dinâmica e Processo de Mudança” - PUC-SP.; Grupoterapeuta e Terapeuta familiar; Doutora em Genética Humana - USP.

WAGNER RANNA

Docente do Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae; Pediatra do Serviço de Psicologia e Psiquiatria Infantil do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

Prefácio

REFLETINDO SOBRE PAVLIK MOROZOV

Roosevelt M. S. Cassorla

Pavlik Morozov, aos doze anos de idade, foi celebrado pela história russa como o “primeiro pioneiro soviético”. Pavlik, logo após a Revolução Comunista, patrioticamente denunciou seu próprio pai, que fornecera documentos falsificados a *kulaks*, como eram chamados os proprietários de terra da Rússia czarista. Esses documentos facilitaram a fuga dos donos de terras, que eram caçados pelos revolucionários. Estes não desejavam somente as terras, mas também a humilhação e comumente a vida dos proprietários, responsabilizados, como classe social, pela desigualdade entre os homens. Além disso, eram potenciais reacionários contra a nova ordem que estava sendo instituída. Mais ainda, o pai de Pavlik, confirmando ser uma pessoa perigosa e detestável para a humanidade, negociara ilegalmente colheitas do Estado (isto é, do povo), indo contra as normas éticas revolucionárias, que pregavam a solidariedade, honestidade e igualdade.

Pavlik foi assassinado, a punhaladas, por seus avós e por um tio paterno, em represália por seu ato. Seguiu-se um processo judicial, aproveitado ao máximo pela propaganda do Partido como exemplar, e Pavlik Morozov foi considerado um herói, seu ato patriótico e ético sendo utilizado como modelo, e assim aproveitado no estímulo para a socialização das terras. Seu nome continuou sendo lembrado e homenageado por décadas.

Aproveitarei este relato para efetuar algumas considerações sobre adolescência, idealismo, conflito de gerações, sociedade e violência. Com isso introduzo temas que serão discutidos pormenorizadamente nos capítulos que se seguem.

Poderíamos pensar que Pavlik, ao denunciar seu pai corrupto, agiu corretamente, em nome de ideais não somente compreensíveis, mas também extremamente dignos. A luta por uma sociedade em que todos

vivessem em paz, solidários, sem a exploração do homem pelo homem, justificaria que se eliminassem indivíduos desonestos e malvados.

Sabemos, por outro lado, que um adolescente possivelmente ainda não foi contaminado pela falsidade e hipocrisia, que costuma predominar na geração mais velha. O idealismo é (ou deveria ser) uma das características do adolescente normal, que se indigna diante das injustiças e iniquidades do mundo.

As considerações acima, no entanto, se satisfazem um revolucionário fanático, deixam dúvidas em quem considera que existem laços emocionais, bastante complexos, entre os seres humanos. O idealismo de Pavlik não teria se contraposto ao amor que todo filho sente por seu pai? Ou, o idealismo não teria sido potencializado pelo ódio que todo filho sente por seu pai? O leitor se perguntaria: afinal, o filho sente amor ou ódio por seu pai? A resposta é simples: existem as duas emoções, ao mesmo tempo, a intensidade e qualidade de cada uma dependendo de cada pessoa e momento. Uma fase, bastante importante, em que essa ambivalência emocional se manifesta com intensidade é a adolescência.

É nessa fase que o jovem entra em contato com uma realidade fundamental, que não pode mais negar ou adiar, como fizera enquanto era criança. Essa realidade é que ele é um indivíduo, separado de seus pais, e que deverá encontrar-se consigo mesmo, com todas as dificuldades, turbulências e satisfações que essa busca determina. Encontrar-se consigo mesmo significa que agora terá que descobrir quem ele é, e a partir dessa constatação descobrir como usará esse seu “ser” para enriquecê-lo com experiências e viver sua própria vida, permitindo-se ser alguém que sente que a vida vale a pena ser vivida.

Encontrar-se consigo mesmo implica ter que abandonar a proteção dos pais, e, comumente, para abandoná-la há que se rebelar contra eles. O adolescente terá que usar sua energia para uma luta, intensa, em que será presa de conflitos complexos. Por um lado, ele se sente atraído (e ao mesmo tempo assustado) pelos desafios com que o mundo, extrafamiliar, o defronta. Por outro lado, também se sente temeroso em abandonar os pais (reais ou imaginários) que o protegem dos obstáculos e sofrimentos da vida.

Os pais, por outro lado, passam por processos similares. Sabem que devem afastar-se e permitir o desprendimento de seus filhos, mas têm medo do que possa ocorrer. Não somente com os filhos, mas com

eles próprios, que podem ver o filho como uma posse, que, perdida, redundará em solidão.

O adolescente pode amar seus pais e se identificar sadiamente com eles, aproveitando as vivências e experiências compartilhadas, para se sentir suficientemente forte ao enfrentar a vida. Mas, concomitantemente, pode invejar esses pais, que em sua fantasia são mais fortes e capazes, e a quem ele supõe que nunca vai sobrepujar. O mesmo pode ocorrer com os pais: de um lado o orgulho pelo filho, estimulado a viver sua própria vida, os pais vendo nele o produto de seu amor; de outro lado, a inveja, o terror de que esse filho viva melhor a vida do que eles próprios e a sensação de terem sido roubados, espoliados.

Evidentemente, o descrito nos parágrafos acima é algo muito resumido de processos bastante complicados. Mas, creio que é suficiente para podermos continuar pensando sobre Pavlik Morozov.

Possivelmente Pavlik, como todo jovem, estava tentando conhecer o mundo extrafamiliar, para, aos poucos, integrar-se nele, enfrentando os desafios e aproveitando seus recursos. Nesse momento, a sociedade, através de suas instituições, desafiou-o a adaptar-se a ela e isso lhe trouxe um conflito terrível. O mundo extrafamiliar lhe mostrava que sua família estava errada. No conflito de lealdades, entre os pais e a sociedade ideal, optou por esta.

As conseqüências, do ponto de vista familiar, foram terríveis. Três gerações entraram em jogo. Os avós e o tio, em defesa de seu filho e irmão, inconformados com a atitude do neto, o matam. Do ponto de vista social, no entanto, a gratificação foi imensa. Graças a Pavlik, um herói, facilitou-se a expropriação de terras, e sua memória ficou guardada, para sempre, na história do povo russo.

Mas, há outras possibilidades que vou permitir-me especular. O que teria ocorrido com Pavlik, se ele não tivesse sido morto por seus avós e tio? Sentiria, em algum momento, tristeza, remorso, culpa? Teria medo? E, caso tivesse, se esconderia ou passaria a denunciar todos aqueles que, em sua fantasia, poderiam ser seus inimigos? Arrepender-se-ia do que fez, após verificar o resultado das expropriações de terras (em que foram assassinadas milhões de pessoas), ou ficaria orgulhoso e justificado por ter contribuído para que os seres humanos vivessem mais igualmente?

E, o pai de Pavlik? Estaria ele se culpando por ter sido corrupto, e não ter acreditado na Revolução? Estaria ele maldizendo ter tido esse filho, que o denunciou e desgraçou toda a família? Ou o perdoaria,

sabendo que ele era apenas uma criança, manipulada por forças exteriores? Recriminar-se-ia por não ter percebido que esse filho já havia se afastado tanto dele, que passou a odiá-lo? Estaria ele triste por ter tido o filho assassinado por seus pais e irmão? E, pelo sofrimento destes, agora condenados por assassinato?

Não temos respostas para qualquer dessas questões. Podemos apenas ficar tristes, com tanta violência, justificável para alguns, injustificável para outros. Mas, essa tristeza, por Pavlik e as vicissitudes de sua família, essa impotência em compreender e em agir (já que é um fato passado) não seriam parecidas com as que sentimos hoje, diante das relações entre sociedade e violência e, em particular, entre adolescência e violência?

Penso que a impotência e a tristeza, atuais, que verificamos, devem e podem ser combatidas. Temos conhecimento suficiente para agir, evitando que situações como a de Pavlik e tantas outras, parecidas ou não, aconteçam.

A violência se manifesta na sociedade de várias formas, e ela poderia ser considerada a antítese do amor. A falta de condições básicas de sobrevivência é a violência básica: aqui incluímos desde a fome e a miséria, a falta de oportunidades e a coisificação do ser humano, visto como objeto de uso e abuso, desumanizado. Seguem-se os mecanismos sofisticados que impedem que a pessoa pense, manipulada por idéias perversas, por vezes travestidas de ideais de consumo, “religiosos” ou ideológicos. E, no meio disso tudo, nos defrontamos com a violência mais concreta, que envolve maus-tratos, acidentes, tortura e morte, incluídas as condutas autodestrutivas.

O adolescente (assim como a criança) será a vítima preferencial dessa violência social, pois ele é mais vulnerável. Essa vulnerabilidade decorre da invasão de seu ser por estímulos internos ligados à sexualidade e à agressividade, de difícil controle, que interagem com um ambiente externo que não lhe permite sua transformação adequada, gratificante, que implique também pensar e agir de formas úteis para si e para os demais.

Veremos, dessa forma, o jovem vivendo numa espécie de estado confusional, em que não sabe mais o que deve ou não fazer, menos ainda como deve fazer. Não consegue discriminar o que é certo ou errado, bom ou mau, criativo ou destrutivo. Encontra-se perdido, atrapalhado e, pior, não tem a quem recorrer. Pois os adultos estão como ele:

também confusos e perdidos, não servindo mais como figuras de identificação.

Defrontamo-nos, então, com uma situação bastante curiosa. O adolescente precisa ter, nos adultos, figuras com as quais se identifique, e, ao mesmo tempo, que o façam perceber-se diferente deles. No entanto, os adultos atuais tendem a viver e a comportar-se também como adolescentes, perdidos numa confusão similar. Se o jovem deve enfrentar os adultos para diferenciar-se deles, nem isso agora lhe é permitido.

O conflito de gerações, normal, que faz parte da vida, em que o adolescente tem que diferenciar-se de seus pais, e por isso tem que negá-los para poder ser ele mesmo, acaba por ser prejudicado. Assim, de uma violência esperada, normal e controlada, passa-se para uma violência indiscriminada, contra tudo e contra todos, produto da confusão descrita acima. Temos que nos lembrar que confusão provoca desespero e angústia, e a descarga violenta dessa confusão pode ser a única saída. E, agora, a sociedade que violentou o jovem passa a ser violentada por ele, constituindo-se um círculo vicioso que há de quebrar. A humanização das relações entre as pessoas é a premissa básica, da qual derivarão todas as outras ações, não difíceis de identificar. Mas voltemos a Pavlik.

Será que uma sociedade ou um grupo social podem manipular a cabeça de jovens, a um ponto tal que eles se violentem e violentem os demais? Com certeza. Os jovens, na sua ânsia por figuras de identificação, mais ainda numa sociedade confusa e confusionante, voltam-se para pais substitutos, idealizados. Esses “pais” serão tanto mais idealizados quanto mais certezas tiverem. Os jovens procuram, desesperadamente, referenciais aos quais possam agarrar-se, e quanto mais sólidos eles parecem, mais atenuam seu desespero. Nesse momento está aberto o caminho para o fanatismo, a crença acrítica, os ideais de superioridade, as certezas absolutas e a necessidade de eliminar o diferente, que será o inimigo. Não há necessidade de pensar. Tudo está previsto no grupo, na quadrilha, na turma, na ideologia, religião ou conhecimento. Não mais existem dúvidas. O jovem volta para um “útero” em que todas as necessidades são satisfeitas. Mais ainda, tem também a oportunidade de dar vazão a sua agressividade e sexualidade, transformadas em destrutividade, sem necessidade de pensá-las.

Os macroexemplos não são difíceis de lembrar. As juventudes nazista, comunista, integralista, os jovens que “fizeram” a Revolução Cultural na China, humilhando, torturando e matando o que “era diferente”.

Os adultos sabem muito bem como manipular os jovens. Estes abandonavam suas famílias, nas Cruzadas, rumo a Jerusalém, para expulsar os “infiéis”. Ficamos horrorizados quando lemos sobre os detalhes da Cruzada constituída por crianças, em que praticamente todas foram exterminadas. São também jovens os xiitas que se suicidam em carros-bomba, com o intuito tanto de eliminar inimigos como para serem recebidos como heróis no paraíso. Em todos os países, os exércitos convocam adolescentes e dirigem sua agressividade natural para fins patrióticos, que geralmente encobrem interesses econômicos ou ideológicos. E as técnicas usadas pelos militares (e também por milícias clandestinas) implicam “lavagens cerebrais”, que alguns psicólogos talvez não ousassem utilizar nem em seus experimentos com animais... Não é por acaso que a infantaria (cuja etimologia vem de *infans* — criança — aquele que não fala) vai na frente das batalhas, servindo como bucha de canhão.

Esse filicídio, esse assassinato que os adultos efetuam contra seus jovens, fica bem ilustrado pela sofisticação da máquina de propaganda argentina, que conseguiu reverter em dias as idéias de milhares de jovens. De adversários da ditadura militar, de repente, foram patrioticamente morrer nas Malvinas, aliados a seus algozes, para “retomá-la” dos ingleses. É triste verificar como nós, seres humanos, principalmente quando jovens, deixamos que outros pensem por nós, e nos sujeitamos alegremente a violentar e a sermos violentados.

Exemplos aparentemente menos dramáticos, mas que potencialmente podem ampliar-se descontroladamente, verificamos no nosso dia-a-dia. Desde nossa atual “educação”, que sabota a criatividade, até a força da “mídia”, que manipula e cada vez mais manipulará nossas mentes, passando pelas instituições que punem e violentam o jovem para “recuperá-lo”. É contra essa violência que devemos lutar, não com mais violência (que é sempre a primeira e mais fácil reação), mas vigorosa e criativamente.

E Pavlik foi manipulado ou era um jovem lutador, idealista? Não nos esqueçamos que o jovem pode ser manipulado, mas é também o agente de mudança, aquele que denuncia o errado e desmascara a hipocrisia dos adultos. Mas essa capacidade de mudar deve também ser estimulada pela sociedade, ajudando o jovem a pensar e a questionar se está realmente lutando contra as injustiças ou se está sendo manobrado por adultos que desejam perversamente o poder. Lembremos que são sempre os adultos que traficam drogas, comandam quadrilhas, exploram sexualmente, manipulam e corrompem mentes e, ao mesmo tempo,

fazem com que a sociedade culpe os adolescentes por serem drogados, violentos ou alienados.

Penso que o jovem atual tem cada vez mais dificuldades em discriminar quando está lutando pelos direitos humanos e contra a injustiça e quando está sendo manipulado ou anestesiado por grupos adultos. Essa discriminação somente será possível quando a sociedade fornecer aos jovens condições para desenvolverem sua capacidade de pensar, e isso somente ocorre se os adultos também a têm, recuperando sua humanidade e condição ética. Para isso, a sociedade tem de se repensar, e tudo indica que é isso que está ocorrendo, cada vez mais; as pessoas estão intuindo que sua vida de correria, de competição e de desprezo pelo outro, de consumismo e coisificação, resulta num vazio interior, cada vez mais insuportável.

O crítico literário Yuri Druzhnykow, exilado nos EUA, escreveu um livro, *O mito de Pavlik Morozov*, em que podemos compreender melhor a relação entre os fatores que descrevi acima. Na verdade, o pai de Pavlik abandonara a esposa e os filhos. Os avós paternos teriam pedido à ex-nora a devolução da terra a eles cedida, através do casamento. Pavlik teria se vingado dos avós, denunciando-os às autoridades, porque eles teriam uma bela carroça, que destoaria com os novos tempos. O assassinato do menino foi a consequência. Não existe, no processo criminal agora reexaminado, qualquer referência a este ter denunciado o pai. No entanto, há outras versões, e foram recolhidas mais de trinta, que correram por toda a extinta URSS. Mas, poucos duvidam que Pavlik foi utilizado, como tantos jovens, para manipular outros jovens e adultos.

Pekka Lehto, um finlandês, fez um documentário “Jovem Herói 001”, recém-apresentado no 8º Panorama Nórdico de Cinema, em Helsinque. Um depoente, no filme, afirma que Pavlik não foi herói nem vilão. Foi apenas uma vítima de seu tempo.

Penso que precisamos estar alertas para isso, para que nossos adolescentes não sejam também vítimas de nosso tempo. Assim como nós, não tão jovens. Mais ainda, temos o dever de nos proteger, denunciando e agindo, sabendo que os jovens são mais vulneráveis à maldade e confusão da sociedade. Lembrando que esta acaba sendo também retaliada, num processo de destruição e autodestruição, que somente pode ser combatido com muita criatividade e força vital. Exemplos dessa criatividade o leitor encontrará nos capítulos que se seguem, escritos por autores audaciosos, que se colocam do lado da vida, contra a destrutividade da capacidade de pensar.

Édipo e Hamlet?